

# ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE NARRATIVAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COM A TEMÁTICA PRECONCEITO E EXCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES



**AUTORES: ELIANE ISABEL FABRI  
LILIAN APARECIDA FERREIRA**

Apoio:

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Faculdade de Ciências

Programa de Mestrado Profissional – Docência para Educação Básica

Supervisão Geral:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> LÍlian Aparecida Ferreira

Elaboração:

Eliane Isabel Fabri

Design do material:

Evandro Antônio Corrêa

Ilustrações:

Imagens extraídas da internet e histórias em quadrinhos elaboradas pelos alunos participantes da pesquisa que deu origem a esse material didático.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. QUAL EDUCAÇÃO FÍSICA DEFENDEMOS?.....</b>	<b>3</b>
<b>3. O QUE SÃO NARRATIVAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?.....</b>	<b>5</b>
<b>4. AS NARRATIVAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTOS PARA TRABALHARMOS QUESTÕES SOBRE O PRECONCEITO E A EXCLUSÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>5. AS NARRATIVAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTOS PARA ACESSARMOS E APRENDERMOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS.....</b>	<b>13</b>
<b>6. SUGESTÕES DE ATIVIDADES.....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

Esse material apresenta orientações para professores de Educação Física que buscam desenvolver a temática: preconceito e exclusão nas práticas corporais. As práticas corporais tratam das atividades e manifestações que envolvam os corpos, tais como atividades físicas, ginásticas, esportes, dança, jogos, lutas e atividades circenses, por exemplo (LARRAROTTI FILHO *et al.*, 2010). Este material pode ser utilizado tanto na Educação Física escolar quanto em outros espaços que trabalhem com as práticas corporais, como projetos sociais.

Esta produção surgiu da pesquisa de mestrado intitulada “PROCESSOS DE EXCLUSÃO E PRECONCEITO NAS PRÁTICAS CORPORAIS SOB A PERSPECTIVA DISCENTE” (FABRI, 2017). Algumas das atividades presentes aqui foram aplicadas nesta pesquisa com crianças e adolescentes de um projeto social. Analisando os resultados dessa pesquisa, elaboramos as atividades e sugestões que compõem o material em questão.

As narrativas podem ser um recurso a ser utilizado no ensino e aprendizagem sobre o preconceito e exclusão, no sentido que elas possibilitam voz e vez para os alunos. Através das narrativas, os professores podem conhecer as experiências dos alunos e se aproximar da realidade deles. As narrativas orais são descritivas e consideradas fontes para se aproximar dos significados dos acontecimentos do narrador (SPINDOLA; SANTOS, 2003; SILVA; BOLEMA, 2007).

Como desdobramento das narrativas, as histórias em quadrinhos se constituem por uma linguagem atrativa para as crianças e adolescentes e permitem problematizar e refletir sobre as questões de preconceito e exclusão vividas nas práticas corporais. As histórias em quadrinhos informam, instruem, podem passar mensagens sobre comportamentos, são leituras para todas as idades que envolvem crianças e jovens em um processo informal, sendo um recurso que não pode ser ignorado pelos educadores (ANSELMO, 1975; VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

Esse material didático pretende ampliar as possibilidades de debates, reflexões e aprendizagens por parte dos alunos no que corresponde às questões de exclusão e preconceito nas práticas corporais. Além disso, pode gerar aprendizagens sobre o uso das histórias em quadrinhos nos processos de ensino e de aprendizagem de diversos conteúdos. Por fim, esse material pode ser utilizado de diferentes maneiras como um recurso para minimizar as situações de preconceito e exclusão ocorridas durante as aulas

e que se relacionam às práticas corporais, como as que são desenvolvidas nas aulas de Educação Física nas escolas.

Figura 1: A alegria das crianças na realização das práticas corporais



Fonte: <http://highcrestbulldogblast.blogspot.com.br/>

## 1. QUAL EDUCAÇÃO FÍSICA DEFENDEMOS?

A Educação Física, enquanto componente curricular escolar, é uma disciplina que tem como objeto pedagógico a cultura corporal de movimento, abrangendo os conteúdos como jogos, esportes, lutas, danças, conhecimento sobre o corpo, práticas corporais alternativas, ginásticas, práticas corporais de aventura, e atividades físicas, com o intuito de propiciar a construção de um acervo cultural pelo indivíduo (BRACHT, 1999; BETTI, 1994).

Sabemos que os conteúdos esportivos ganham destaque no cenário da Educação Física, nos ambientes educacionais. Sobre o ensino dos esportes, baseado em alguns estudos e pesquisas (VAGO, 1996; BRACHT, 1997, 1999; VAZ, 2009; STIGGER, 2009; GONZÁLEZ E BRACHT, 2012, CARLAN *et al.*, 2012) defendemos uma Educação Física Escolar crítica que considera e estuda o esporte como fenômeno sócio-histórico-cultural e que diferencia o esporte da educacional do esporte de rendimento que é apresentado como modelo à sociedade.

O esporte de rendimento, apresentado pelas mídias atuais, que visa grandes performances e resultados está bem distante da realidade dos ambientes educacionais. A Educação Física nesses espaços como escolas e projetos sociais, devem ser instâncias fomentadoras de valores sociais, de significados e sentidos para os alunos, deve ter os conteúdos como princípios educativos (CARLAN *et al.*, 2012).

Estudos e pesquisas avançaram consideravelmente em relação ao ensino dos esportes na escola, por exemplo, mas o que observamos no cotidiano da Educação Física ainda é a tentativa de reprodução do esporte de rendimento. Neste modelo, o ensino do esporte fica restrito ao ensino de técnicas, movimentos e fundamentos isolados, o que não é garantia de aprendizagem do esporte, ou seja, aprender gestos motores não significa saber jogar e o objetivo dessas práticas vai além do saber jogar.

Neste sentido, a Educação Física nesses espaços educacionais deve ter um enfoque pedagógico, que valorize não só o esporte, mas todos os outros conteúdos da cultura corporal de movimento, variando os conteúdos de acordo com o contexto de cada lugar. As aulas de Educação Física, bem como as outras disciplinas escolares, também precisam ensinar para além dos conteúdos, ensinar valores. Valores como a cooperação, amizade, respeito, hábitos saudáveis, saber ganhar e perder, responsabilidade, etc. Todas essas questões podem ser relacionadas com as práticas da

Educação Física, contribuindo desta forma para a formação do aluno como cidadão do mundo, que vive e age nele. Por fim, é esta a Educação Física que defendemos.

## 2. O QUE SÃO NARRATIVAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?

As atividades e sugestões desse material didático envolvem a utilização das narrativas orais e das histórias em quadrinhos como recursos de aprendizagem. Neste sentido, esse capítulo pretende auxiliar o professor de Educação Física para entender o que são esses recursos.

As narrativas são fontes de aproximação da realidade, dos sentimentos e dos significados da vida de quem narra (SILVA; BOLEMA, 2007). É importante destacar que a narrativa tem uma função descritiva e avaliadora, ou seja, o sujeito que narra um fato reflete sobre ele. O leitor respeita a opinião do sujeito e acredita nele (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

De acordo com Silva e Bolema (2007), por meio de narrativas é possível observar diferentes significados atribuídos aos acontecimentos vividos pelo narrador. A narrativa revela os sentidos das experiências do narrador.

Para Reis (2008), a narrativa pode ser entendida como sinônimo de história; é uma sequência organizada de acontecimentos que envolvem personagens e tem um começo, um meio e um fim. Segundo o autor, a narrativa é um método de investigação subjetiva que tenta compreender a realidade.

No contexto educativo, considerando que contar essas histórias trata-se de falar da sua própria vida e revelar situações que envolvam sentimentos, é necessário que os alunos se sintam à vontade para contar suas histórias e experiências.

Reis (2008), considerando a narrativa como sinônimo de história, afirma que através da leitura das narrativas, as pessoas conseguem avaliar as situações e decisões descritas, podendo refletir sobre diversas questões e é neste processo que podemos observar as contribuições da narrativa em nível de atitudes. Assim, ao narrar, ouvir ou ler um acontecimento em formato de narrativa podemos refletir sobre diversos aspectos relacionados às experiências vividas.

Sobre as histórias em quadrinhos, Anselmo (1975), à luz de vários elementos, define as histórias em quadrinhos como arte, como um meio de comunicação, com personagens, com uma sequência dinâmica, com imagens, balões que representam as falas ou pensamentos e como um tipo de narrativa.

Podemos dizer que as histórias em quadrinhos se constituem como uma linguagem de fácil compreensão e sentido, e apropriada para o entendimento das

crianças. Desse modo, porque não utilizar as histórias em quadrinhos no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos em ambientes educacionais?

O uso das histórias em quadrinhos na educação não é uma discussão recente. Em exames educacionais, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), já verificamos a presença de questões com tirinhas de quadrinhos.

Segundo Anselmo (1975), as histórias em quadrinhos informam, instruem e formam crianças e jovens em um processo informal e afirma que “[...] por essa razão é um fenômeno que não pode ser ignorado pelos educadores” (p.21).

Santos e Vergueiro (2012) contam que a história dos quadrinhos foi marcada por um período de rejeição. O fato ocorreu nos Estados Unidos na década de 1950, quando professores queimaram revistas em quadrinhos nos pátios escolares em razão das críticas do psiquiatra Fredric Wertham. Com o passar do tempo, as críticas ao uso dos quadrinhos na educação foram se amenizando.

Alcântara (2009) também destaca esse processo histórico de rejeição dos quadrinhos, retratando momentos em que a venda dos quadrinhos foi proibida, e que foram considerados prejudiciais às crianças, pois influenciavam na construção de maus comportamentos. A autora defende que não se pode afirmar que as histórias em quadrinhos, por si só, são ruins ou boas, mas sim que isso depende da forma como as utilizamos.

Vergueiro e Ramos (2009) afirmam que há uma gradativa inserção do tema na área educacional brasileira. Os autores relatam que os quadrinhos sofriam preconceito por parte dos profissionais da educação e que eram considerados leituras de lazer e sem embasamento científico. Um início de mudança veio com a LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional) (BRASIL, 1996), que apontava a necessidade de outras linguagens e manifestações artísticas no ensino (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). Assim, para os autores, os quadrinhos foram oficializados na educação com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), os quais mencionavam a necessidade de o aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos.

A obra de Vergueiro e Ramos (2009) justifica a importância da inserção dos quadrinhos na educação. Os autores reforçam que os quadrinhos oferecem possibilidades diversas de aplicações que podem passar mensagens que afetem os comportamentos dos alunos e que configurem prática de leitura para todas as idades.

Alcântara (2009) também defende o valor pedagógico das histórias em quadrinhos e atribui a elas a capacidade de facilitação do aprendizado sobre quaisquer conceitos.

A literatura aponta poucas pesquisas sobre o uso das histórias em quadrinhos na educação. Podemos dizer que nos cursos de formação de professores também são precárias as discussões sobre o tema. Assim como o uso de qualquer outra ferramenta inovadora, como a tecnologia, por exemplo, pode haver um estranhamento por parte dos professores, muitas vezes por não saber como utilizá-las em suas aulas.

No cotidiano dos professores, é cada vez mais presente o discurso de que os alunos não se interessam pelos conteúdos escolares, pelos livros e cadernos. Com o avanço da tecnologia, esse discurso fica mais forte, porque professores e alunos dizem que os métodos tradicionais das escolas ficam cada vez menos interessantes diante de tantas imagens inovadoras oferecidas principalmente pela internet. O investimento em recursos para a educação é precário e professores buscam dia-a-dia alternativas para despertar o interesse do aluno.

Neste contexto, podemos então considerar as histórias em quadrinhos como uma metodologia inovadora aliada aos professores, no sentido de que podem despertar o interesse dos alunos. Sabemos que a decodificação da imagem é mais rápida que a da escrita e os quadrinhos são ricos em imagens. Contudo, é primordial que os professores estejam receptivos ao uso das histórias em quadrinhos como recursos pedagógicos.

Santos e Vergueiro (2012) alertam para o papel do educador nesse processo, afirmando que o professor deve conhecer e estudar o universo das histórias em quadrinhos para saber como usá-las, ensinando os alunos a lê-las, adequando-as às idades dos alunos e de acordo com as informações que apresentam, destacando seu potencial nas diferentes áreas da educação.

Baseado em nosso estudo “PROCESSOS DE EXCLUSÃO E PRECONCEITO NAS PRÁTICAS CORPORAIS SOB A PERSPECTIVA DISCENTE” (FABRI, 2017), afirmamos que as narrativas e as histórias em quadrinhos podem ser recursos educativos no ensino da Educação Física e das práticas corporais. Nos próximos capítulos, esclareceremos como utilizá-los neste contexto.

### **3. AS NARRATIVAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTOS PARA TRABALHARMOS QUESTÕES SOBRE PRECONCEITO E A EXCLUSÃO**

O convívio com as diferenças ainda é um grande desafio na medida em que nos deparamos, de modo recorrente, com o preconceito e a exclusão social. O discurso sobre o respeito, a diversidade e sobre o multiculturalismo tem sido mais presente na atualidade. Deste modo, a diversidade está presente em todos os lugares, demarcando as diferenças entre as pessoas, os valores, as culturas, e o modo de viver.

Existem muitos vestígios de uma história marcada por preconceito e exclusão. Há muitos séculos os povos da América Latina têm sido tomados como inferiores e excluídos. Nossas referências até hoje ainda são europeias. Tomando como parâmetro o contexto da América Latina, podemos perceber a origem do preconceito e da exclusão que permeiam até os nossos dias. Ainda assim, há outras formas igualmente preconceituosas e excludentes que não advêm de modo direto destas descon siderações dos povos e das histórias de invasão e colonização da América Latina, mas que podem nos alertar e se estabelecer como desdobramentos desta matriz inicial.

Nesta perspectiva, entendemos que existem muitas formas de preconceito, que podem ser de gênero, de raça, de cor, de vestimenta, de gostos e costumes, de crenças, de posição social, cultural e etc. Partimos do pressuposto que o princípio seja o resgate da identidade da América Latina e a valorização das suas próprias manifestações de cultura.

Reconhecer a diversidade da América Latina, respeitar as diferentes culturas, se abrir para conhecer e vivenciar outras manifestações são o começo para se pensar em menos desigualdades. Existem diferentes maneiras de viver, de aprender e de ser. Por fim, as diferenças não são sinônimas de desigualdades e tudo que é desigual, no sentido de injusto e preconceituoso, necessita ser superado.

Em uma sociedade marcada pelas diferenças sociais, falar sobre o preconceito e a exclusão não é uma tarefa fácil. É clara a presença de diversos tipos de preconceitos em nossa sociedade e frequentemente nos deparamos com atitudes, gestos e palavras preconceituosas. O tempo todo, a mídia nos mostra acontecimentos marcados pelo racismo, o preconceito contra homossexuais, contra mulheres, e várias outras situações

de preconceito. Nas ruas, nos locais de trabalho, nas competições esportivas, nas festas, na política, em todos os lugares podemos encontrar pessoas preconceituosas.

Podemos dizer que o preconceito é um pré-conceito que temos sobre algo, alguma coisa ou alguém. É um conceito que formamos antes da nossa experiência (AMARAL, 1998).

Entendemos que a palavra preconceito está diretamente interligada com outras palavras como: exclusão e discriminação. Qualquer tipo de preconceito é formado a partir de alguma diferença que gera exclusão e discriminação e, neste sentido, o termo exclusão está associado de forma dialética ao termo inclusão.

Figura 2: O preconceito precisa de um espelho



Fonte: <http://rodani.deviantart.com/art/Preconceito-69220530>

Frequentemente no âmbito da educação, a inclusão aparece muito relacionada à inserção de pessoas com deficiência nas instituições escolares. Contudo, inclusão não se resume a esse tipo de participação, mas também está relacionada à inclusão de todos, independentemente das características de cada indivíduo, como a diferença de gêneros, as crenças e religião, a cor e raça, condição social, e etc. Se por alguma diferença o indivíduo é impedido de participar, ou não consegue participar do processo escolar, então ele não está incluído no processo.

Se o preconceito está tão presente em nossa sociedade, e pensando que a educação está inserida na mesma, ficam as questões: O preconceito é reproduzido nas escolas, nos ambientes educacionais? Se as manifestações preconceituosas são geradas a partir das diferenças, podemos negar ou ignorar essas diferenças nos espaços educacionais?

De fato, não podemos negar as diferenças, aliás, o problema não está na diferença em si, mas em tratá-la como inferioridade quando comparada a outros aspectos dentro de grupos, por exemplo. Todos nós somos diferentes! As diferenças precisam ser reconhecidas e valorizadas e não consideradas como algo inferior ou de menor valor.

Na escola, são expostas todos os dias diversas diferenças, em todos os âmbitos das relações humanas. Diferenças raciais, corporais, de gênero, de condição social, de gostos, de opiniões, de crenças e de religião. Não se pode dizer que não existe preconceito ou discriminação dentro dos ambientes educacionais.

Uma educação de qualidade, através da inclusão escolar, na qual seja garantido o respeito às diferenças, tem sido um grande desafio do nosso século (BRITO; SANTOS, 2013).

Destacamos o papel e responsabilidade dos educadores, professores, pais e de todos os envolvidos na organização das instituições educativas. Propiciar momentos de reflexões, planejar ações, atividades e aulas sobre a temática preconceito e exclusão, intervir e agir quando essas situações acontecem nas aulas, aparecem como compromisso de todos os responsáveis pela educação.

O preconceito e a discriminação vivida impedem, muitas vezes, as crianças de vivenciar seus direitos como cidadãs e suas próprias infâncias. Os educadores devem valorizar essa infância e pensar nas marcas que podem ser deixadas na vida dessas crianças. Tão importante quanto ensinar conhecimentos técnicos ou científicos aos alunos, é ensinar atitudes e valores, como o respeito e o convívio com as diferenças.

Tão presente como estão os conflitos geradores de preconceito e exclusão, devem estar ainda mais as ações educativas sobre essas atitudes, para que possamos pensar e construir um lugar menos excludente e preconceituoso.

Nas práticas corporais, as situações de preconceito e exclusão estão relacionadas principalmente às questões ligadas à diferença de gêneros, diferenças corporais, diferenças de habilidades e situações nas quais o aluno se sente excluído de alguma atividade, sendo desencorajado a participar, por exemplo, ou deixando de participar efetivamente das atividades em razão das relações que se estabelecem com os colegas, professores, conteúdo desenvolvido e estratégias utilizadas (CASCO, 2010; SOUZA, ALTMANN, 1999; RANGEL, 2006; BRANDÃO, CORBUCCI, 2002).

Em aulas que envolvem as práticas corporais, as situações de preconceito e exclusão são expostas, na maioria das vezes, mais claramente, e isso acontece em razão de serem aulas que expõem os corpos, e, é por meio do corpo que refletimos tais manifestações como humilhações e críticas (MIRANDA *et al.*, 2008). Neste cenário, as diferenças se acentuam e podem gerar conflitos, resultando, inclusive, em situações de preconceito e exclusão.

Frequentemente, nos deparamos com alunos que ficam de fora das práticas corporais, como os esportes, por exemplo, se afastando delas, sem demonstrar interesse pela aprendizagem das mesmas.

As práticas corporais estão também ligadas às atividades que envolvam os esportes. As atividades esportivas, relacionadas à competição, podem contribuir com pensamentos, palavras e atitudes preconceituosas. As atividades excessivamente competitivas excluem os menos habilidosos (SILVA *et al.*, 2007).

Nos ambientes educacionais, é importante refletir sobre o papel dessas práticas, que deveriam estar alinhadas a uma intencionalidade pedagógica inclusiva. Baseado em alguns estudos e pesquisas (VAGO, 1996; BRACHT, 1997, 1999; VAZ, 2009; STIGGER, 2009; GONZÁLEZ E BRACHT, 2012, CARLAN *et al.*, 2012) defendemos uma abordagem crítica que considere, estude e desenvolvam o esporte como fenômeno sócio-histórico-cultural e que o diferencie das propostas do esporte de rendimento, que é, sobretudo, pela mídia televisiva, apresentado como referência à sociedade.

As práticas corporais presentes nos ambientes educacionais não podem reforçar o preconceito e a exclusão.

Os professores têm a responsabilidade de estarem atentos às atitudes de seus alunos durante as aulas e até mesmo as suas próprias atitudes, no sentido de rever seus

conceitos ou preconceitos. Rangel (2006) sugere algumas ações aos professores, como: não aceitar os apelidos colocados nas crianças durante as aulas e também que o professor observe se suas demonstrações de afetos não são voltadas apenas para alguns alunos.

Sofrer preconceito ou ser vítima da exclusão, seja qual for o tipo de exclusão, pode afastar os alunos dos conteúdos relacionados às práticas corporais, proporcionando assim experiências negativas e podendo deixar marcas negativas na vida destes alunos.

Neste contexto, as narrativas e as histórias em quadrinhos aparecem como um recurso que pode ser usado nos ambientes educacionais para trabalhar as questões sobre o preconceito e a exclusão nas práticas corporais. Contar, ler ou produzir narrativas e histórias em quadrinhos relacionadas com o tema podem gerar diversas aprendizagens.

Nesta perspectiva, acreditamos ser importante conhecer as experiências dos alunos, e isso se faz possível através das narrativas. As experiências reveladas nas narrativas podem ser ressignificadas em histórias em quadrinhos e assim resultar na produção de instrumentos que possibilitem reflexões sobre o preconceito e a exclusão.

#### **4. AS NARRATIVAS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTOS PARA ACESSARMOS E APRENDERMOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS**

Entendemos que, para que o ensino e a aprendizagem se concretizem, é necessário construir sentidos às coisas que fazemos. Essa atribuição de sentido ao que nos acontece se assenta nas nossas experiências.

A experiência é aquilo que nos acontece e o que nos marca de alguma forma (LARROSA, 2002, 2011, 2015). A experiência não é apenas um acontecimento, mas sim o sentido que o sujeito da experiência atribui ao acontecimento.

Se a experiência é aquilo que nos passa, que nos acontece, aquilo que deixa marcas e que é atribuído um sentido, então, o que acontece na vida dos alunos durante as práticas corporais? Será que essas práticas têm sentido, são experiências? São capazes de deixar marcas?

Se faz importante conhecer as experiências dos alunos, o que acontece na vida desses alunos e o que os afeta durante sua passagem nos ambientes educacionais? Ainda podemos pensar, se a experiência é subjetiva e singular, um acontecimento visto por um professor, que pareça sem importância, para o aluno que o vive pode ser uma experiência profundamente marcante, podendo deixar marcas positivas ou negativas. Adentrar neste universo, ouvir as experiências dos alunos na tentativa de com ele materializar o seu sentido, é reconhecer, efetivamente, o aluno como fundamental desse processo educativo.

Neste sentido, acreditamos que o cenário das práticas corporais é rico em possibilidades de experiências. É um lugar onde acontecem relações intensas o tempo todo, que envolvem o próprio sujeito, são revelados sentimentos, emoções, desafios, superações, resistências, frustrações, fracasso, sucesso.

Em uma aula com práticas corporais, muitas coisas passam, acontecem. Se for dada a oportunidade ao aluno de falar e de expressar o que sentiu, o que viveu naquela aula, naquela atividade, naquele jogo, o que podemos descobrir? Quais experiências? O que os professores podem aprender com isso? Quais as implicações disso para as aulas?

Nesta perspectiva é que as narrativas dos alunos, como forma de conhecer suas experiências, permitem a revelação de acontecimentos marcantes que podem destacar as experiências.

Olhar as práticas corporais a partir da experiência é olhar para a vida do aluno. Pensar nessa relação educativa para a Educação Física ou para as práticas corporais dentro dos projetos sociais é pensar em quais sentidos são estabelecidos nessas práticas para a nossa vida.

Se experiências positivas e negativas são produzidas nas práticas corporais, como pensar então nas experiências negativas que deixam marcas na vida dos alunos? Enquanto educadores, qual é o nosso papel diante dessas situações nas práticas corporais?

Como educadores não podemos aceitar que uma experiência ruim, negativa, traumática, vivida por um educando nos processos educativos, deixe marcas negativas permanentes em sua vida, trazendo consequências ou danos à sua formação. Por isso afirmamos que essas experiências necessitam ter o sentido reconstruído.

Embora acreditemos que também aprendemos com as experiências negativas, as aprendizagens com as práticas corporais deveriam produzir experiências positivas, no sentido de não deixar traumas na vida dos alunos. Uma ação pedagógica deve proporcionar ensinamentos e aprendizagens que contribuam para a formação do aluno, para sua visão de mundo e para sua vida, mas sabemos que não são sempre produzidas experiências positivas, justamente porque as aulas envolvem outros elementos, como o contexto, o ambiente, e as relações com o corpo e com as pessoas.

Os educadores, o planejamento, as estratégias, as metodologias, deveriam estar preparadas para considerar as experiências negativas que possam ocorrer durante os processos educativos, com o objetivo de reconstruir o sentido da experiência e modificar as situações, visando o desenvolvimento dos educandos e a oportunidade de todos experimentarem ou vivenciarem toda e qualquer prática corporal, considerando o valor educativo dessas práticas.

O exercício de refletir sobre uma experiência negativa poderia possibilitar uma reconstrução do seu sentido. Para que essa ressignificação aconteça, alunos e professores devem refletir sobre os acontecimentos em aulas. Por exemplo, uma experiência negativa na qual um aluno se auto exclui de um jogo por ter sofrido preconceito devido ao seu grau de habilidade para a atividade. Neste caso o professor poderia conhecer os motivos da auto exclusão e assim planejar ações para que a turma compreenda seus comportamentos e esse aluno excluído tenha uma nova oportunidade de participação daquele jogo sem sofrer preconceito ou exclusão, podendo então se

beneficiar das aprendizagens proporcionadas pela prática, sendo possível, dessa maneira, a reconstrução do sentido daquela experiência negativa.

Por fim, para que seja possível pensar na reconstrução do sentido de uma experiência negativa, primeiro é necessário voltar o olhar para as experiências dos alunos e educandos, ouvir suas narrativas, refletir e analisar tais experiências.

Por esses motivos é que valorizamos as experiências discentes, entendendo que estes têm muito a nos dizer com suas narrativas sobre as práticas corporais e sobre suas relações com o preconceito e a exclusão. Além disso, acreditamos que o processo de produção dessas narrativas sobre suas experiências são importantes momentos de reflexões, revelando possibilidades de ensino e de aprendizagem de muitos valores.

Acreditamos que as narrativas são instrumentos que possibilitem a verificação das experiências dos alunos.

A proposta deste material é que os professores que trabalham o ensino das práticas corporais utilizem as narrativas para conhecer as experiências relacionadas ao preconceito e a exclusão vivida ou observada pelos alunos, ouvindo e registrando as suas narrativas. Dando continuidade a essa proposta, a intenção é que essas narrativas possam ser reproduzidas em formato de histórias em quadrinhos, possibilitando diferentes aprendizagens para os alunos.

Para a realização deste processo, a seguir, sugerimos algumas atividades.

## 5. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

A seguir apresentaremos sugestões de atividades para trabalhar a temática preconceito e exclusão nas práticas corporais, tanto em projetos sociais como em escolas. Essas atividades compreendem a utilização de recursos (vídeos, filmes, livros, internet), as narrativas de alunos e as histórias em quadrinhos.

### Atividade 1

Antes de iniciar um processo de ensino e de aprendizagem sobre alguma temática, é importante introduzir o assunto com as crianças ou adolescentes. Para a temática preconceito e exclusão, sugerimos uma apresentação oral com auxílio de slides e com imagens e vídeos, explicando os conceitos, o que são situações de preconceito e exclusão, mostrando exemplos, fotos e vídeos. O objetivo dessa atividade é introduzir o assunto aos alunos para que eles entendam os conceitos relacionados ao preconceito e a exclusão nas práticas corporais. Após a apresentação é importante realizar uma roda de conversa em que todos possam falar, dar suas opiniões e tirar dúvidas, gerando um processo de reflexão coletiva.

Sugestões de vídeos:

Cuerdas: é um vídeo no qual uma garota ajuda um menino cadeirante a participar das atividades na escola, ela o acompanha e o ajuda em todas as atividades e até mesmo o faz pular corda.

Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=XCUdDVYL-1I>

O patinho feio: Um trecho do filme do patinho feio mostra uma situação de exclusão na qual um dos patinhos era excluído pela mãe por ser o único diferente dos irmãos. O vídeo é curto e a história é direta, facilitando o entendimento das crianças.

Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=KmNfGi4xzzg>

## Atividade 2

Como estamos tratando do preconceito e da exclusão nas práticas corporais especificamente, é importante mostrar exemplos dessas situações para os alunos. Sugerimos a apresentação de histórias com essas situações, nas quais o professor pode contá-las e auxiliar na reflexão e roda de conversa sobre as mesmas.

A seguir, uma história que os professores podem utilizar nesse processo: “Meninas não jogam futebol”. O texto mostra uma situação de preconceito e exclusão em relação às meninas nos esportes.

Na classe de Ana, as meninas também jogam futebol. Os meninos às vezes não querem passar a bola para Kátia, para Vanessa, para Júlia ou para Paula, mas elas tiram a bola deles e marcam gols. E mais, a sua outra avó costuma pilotar motocicletas quando era nova.

Por muito tempo as mulheres não fizeram parte de competições esportivas. Era uma crença geral que o esporte não era apropriado para elas. Na época da Grécia Antiga, apenas os homens participavam dos Jogos Olímpicos no vale perto do Monte Olímpico da Grécia. Os esportistas treinavam lá por cerca de um mês antes de ir para as competições, que duravam 5 dias. No estádio Olímpico, naquela época, havia prédios e banheiros para os esportistas no ano de 776 a. C., mas não era permitido que as mulheres competissem. No entanto, nos Jogos Olímpicos modernos, que começaram no fim do século XIX, homens e mulheres podiam participar. As mulheres fazem parte de equipes de competições esportivas. É lógico que as meninas façam parte das partidas de futebol e pilotem motocicletas. Elas podem formar times apenas de meninas ou misto de meninos e meninas. Alguns times de basquete júnior são assim. Nem só o que existe é possível. Podemos inventar coisas novas e mudar comportamentos, situações e coisas que já sabemos. Meninas que jogam futebol é uma delas. No passado, havia muitas coisas que as mulheres não faziam ou não podiam fazer. A maior parte das profissões e dos esportes era direcionada para os homens. Hoje as mulheres estão em todas as profissões e em todos os tipos de esportes. Nas competições esportivas há muitas mulheres que ganham troféus. A situação das mulheres e dos homens na sociedade mudou, e na verdade, pode mudar ainda mais.

Fonte: PHILIPP, R. R. **Vamos falar sobre... O respeito e a igualdade.**

### Atividade 3

Para falar sobre preconceito e exclusão, os filmes são recursos ricos. Sugerimos alguns filmes que podem gerar reflexões e que podem ser aplicados para os alunos de acordo com as idades.

**Filme: GRACIE. Direção: Davis Guggenheim. Estados Unidos, 2007.**

É a história de uma garota de 15 anos, fanática por futebol. Seu sonho é ser jogadora profissional, mas seu pai diz que o esporte não é coisa para mulheres. Na história, a garota vence o preconceito e mostra que meninas também podem jogar futebol.

**Filme: BILLY ELLIOT. Direção: Stephen Daldry. Reino Unido, 1999.**

Esse filme mostra um menino de 11 anos que é obrigado por sua família a treinar boxe, mas ele sonha em dançar ballet. O garoto é incentivado por uma professora de ballet e vence o preconceito sofrido por sua família.

**Filme: ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard  
Lagravenese. Estados Unidos, 2007**

Apesar de ser um filme com uma linguagem mais jovem e não ser especificamente sobre práticas corporais, o filme revela situações de preconceito e exclusão enfrentados por alunos da periferia de uma escola e mostra como eles superaram essas situações se unindo e trabalhando em grupo com ajuda de uma professora.

**Filme: UM SONHO POSSÍVEL. Direção: John Lee Hancock.**

**Estados Unidos, 2010.**

Um drama baseado em uma história real, de um jovem negro e pobre que não tinha onde morar. O jovem é acolhido por uma família de brancos, livres de preconceitos, e supera a discriminação, tornando-se um astro do futebol americano.

**Filme: PRECIOSA, uma história de esperança. Direção: Lee Daniels.**

**Estados Unidos, 2010.**

Um filme que mostra uma realidade dura e triste. Enredo pesado, mais apropriado para os jovens. Conta a vida de uma adolescente de 16 anos, violentada pelos pais, que sofre preconceito por ser obesa e por ter um filho com síndrome de Down, não sendo, assim, compreendida e aceita pela escola.

**Filme: A HISTÓRIA DE UMA LENDA: Jackie Robinson. Direção: Brian**

**Helgeland. Estados Unidos, 2013.**

Narra a vida de um jovem que venceu injustiças raciais e se tornou um grande jogador de beisebol nos estados Unidos.

**Filme: MÃOS TALENTOSAS. Direção: Thomas Carter. Estados Unidos, 2009.**

Revela a história de um garoto pobre e negro, que sofria Bullying frequentemente na escola por tirar notas baixas. Durante o filme, ele supera todo preconceito e se torna um dos melhores neurocirurgiões do mundo.

**Filme: MENTES PERIGOSAS. Direção: John N. Smith. Estados Unidos, 1995.**

O filme conta a história de uma professora que começa a lecionar em uma escola da periferia, repleta de injustiças sociais. A professora é hostilizada pelos alunos e percebendo que seus métodos não funcionam naquele contexto, passa a se envolver e se aproximar da realidade cultural dos estudantes.

**Filme: DUELO DE TITÃS. Direção: Boaz Yakin. Estados Unidos, 2000.**

É a história de um time de futebol americano que com a ajuda de seu técnico, tiveram que superar as diferenças de raça para conviver e vencer em equipe.

**Filme: O XADREZ DAS CORES. Direção: Marco Schiavon. Brasil, 2004.**

Conta a história de uma mulher negra que sofre com as atitudes racistas de uma senhora pra quem ela trabalha. A história é contada através de um jogo de xadrez.

#### Atividade 4

Uma outra atividade é a construção de narrativas com os discentes. Seria um momento no qual os alunos pudessem contar suas experiências, histórias que viveram ou presenciaram de preconceito e exclusão nas práticas corporais. De acordo com Reis (2008), através das narrativas, tanto no processo de construção ou no processo de leitura, interpretação e análise dela, o aluno constrói conhecimento e desenvolve capacidades e atitudes. Construindo essas narrativas com os alunos, o professor pode discuti-las e refletir sobre elas, individualmente ou em grupos, fazendo com que os alunos possam repensar as experiências vividas, buscando soluções para os problemas e como aquela experiência negativa poderia ter sido diferente, por exemplo.

Essa construção de narrativas pode ser de forma oral, em grupo ou individualmente (o aluno contará a história apenas para o professor, se se sentir à vontade) e também pode ser em formato escrito para os adolescente.

É importante ressaltar que para que esse processo aconteça é preciso gerar laços de confiança entre alunos e professores, pois as narrativas tratam de situações particulares da vida dos alunos.

Para esclarecer, colocamos aqui narrativas de crianças, adolescentes e jovens, alunos de um projeto social, que foram participantes do nosso estudo “PROCESSOS DE EXCLUSÃO E PRECONCEITO NAS PRÁTICAS CORPORAIS SOB A PERSPECTIVA DISCENTE” (FABRI, 2016). Essas narrativas foram gravadas e depois transcritas.

**Narrativa 1 (menino, 8 anos)**

Um dia no projeto, na aula do professor Jorge de Educação Física no projeto, era o meu primeiro dia jogando futebol. Eu errei e joguei a bola para o outro time. Então o Mateus disse assim:

- Sai daqui! Você não sabe jogar!

Eles me excluíram do jogo. Eu fiquei muito triste e por isso não jogo mais futebol. E também não falo mais sobre isso.

**Narrativa 2 (menina, 9 anos)**

Eu ia começar a participar das aulas de dança na escola. Márcia, Mônica e Flávia então me disseram:

- Michele, você não vai conseguir dançar! Não vai saber fazer nada! Não vai saber fazer o pliê!

Eu concordei com elas e parei de ir às aulas. Depois de um tempo resolvi voltar. Elas viram que eu sabia dançar. No final de uma das aulas, Mônica me disse:

- Acho bom você sair da aula, porque senão você irá estragar a nossa dança!

Então eu saí! E nunca mais voltei lá! Minha disse assim:

- Se elas não querem você dançando, então não perca seu tempo com elas!

Eu não sei por que elas não queriam que eu dançasse. Eu queria voltar! E ainda quero...

**Narrativa 3 (menina, 10 anos)**

Um dia no treino de futebol, o professor fez uma atividade com pneus no chão onde tínhamos que passar a bola um para o outro. Carlos e Mateus disseram para eu não ir, porque eu não sabia fazer nada. Isso me deixou chateada e depois eu não fui mais aos treinos de futebol.

Eu gosto de jogar futebol e queria ir aos treinos, mas por causa disso que aconteceu, eu não participo mais.

**Narrativa 4 (menina, 10 anos)**

Uma vez na Educação Física, nós estamos na fila e perguntaram ao professor Cláudio o que íamos fazer hoje e ele respondeu: basquete. Durante aula começou um cochichando com o outro dizendo que eu não poderia jogar, que era pequena e que eu não saberia jogar. A conversa foi se espalhando, até que Ana, que era minha amiga, me contou que estavam dizendo que eu não sabia jogar porque eu era pequena. Eu contei para o professor o que estava acontecendo e ele perguntou se eu queria jogar, então eu disse assim:

- Não professor! Agora eu não quero mais não! Perdi a vontade!

**Narrativa 5 (menino, 11 anos)**

Eu não sei jogar muito bem futebol. Em uma aula de educação física nós jogamos queima e eu fui para o time das meninas. Um dos meninos começou a me chamar de “mulherzinha”, mas eu tenho amizade com ele e por isso não dei muita bola. Chegou o jogo de futebol, depois do intervalo. Estava quase no fim do jogo, a bola estava perto do gol e eu chutei a bola para fora. Quando fui pegar a bola, um colega começou a me ofender por ter errado o gol. Eu falei para a professora, mas não é a primeira vez que isso acontece. Quando isso acontece, eu não gosto! Fico com um pouco de raiva e triste porque gosto de jogar futebol!

**Narrativa 6 (menino, 11 anos)**

Nós, os meninos estávamos na quadra, na aula do professor Marcus, no projeto. Estávamos brincando de futebol. Então chegou o João, ele queria jogar futebol. Nós deixamos ele jogar e o colocamos como zagueiro. Ele foi proteger o gol e ele não conseguiu, então nosso time levou um gol. Todos os meninos começaram a chamá-lo de “perna de pau”, essas coisas... Ele ficou muito triste. Depois a gente foi jogar de novo e eu disse para ele não ligar para o que os meninos falavam. Então ele foi chutar a bola e ele errou de novo e todos continuaram a ofendê-lo e então resolvemos deixá-lo de fora do jogo. Depois disso ele ficou muito triste e nunca mais jogou futebol! Nunca...

**Narrativa 7 (menina, 12 anos)**

A gente sempre sai lá fora para jogar primeiro queima e depois o futebol. Os meninos sempre jogam futebol, em todas as aulas. Quando nós, as meninas, queremos jogar futebol com os meninos, eles falam que somos muito ruins e que não sabemos jogar. Eles só deixam a Gabi e a Mara jogar, porque elas são grandes e já sabem jogar. A gente fala para professora, mas mesmo assim eles não deixam nós jogarmos, eles falam que vão jogar a bola forte. Depois disso, a professora de Educação Física treinou um pouco as meninas para jogar futebol. A gente começou a jogar com os meninos e até que eles gostaram! E agora eles deixam a gente jogar futebol, mas ainda com um pouco de preconceito.

**Narrativa 8 (menina, 12 anos)**

Eu me lembro de um dia em que a Eliana não sabia jogar queima. Ela disse para a professora, mas ela não deu bola para ela. Quando jogamos queima, ela sempre deixa ser queimada e quando ela é queimada os colegas ficam ofendendo ela, dizem que ela é muito baixinha, que não sabe jogar e que ela é muito ruim. Um dia durante o jogo de queima, ela ficou triste e começou a chorar. Levaram ela para a diretoria e quando ela voltou ela ainda chorava e ficou no canto dela. Aí eu perguntei para ela por que ela estava chorando e ela disse que era porque não sabia jogar queima. Depois disso, a professora começou a ensinar ela a jogar queimada e hoje ela consegue jogar e não deixa mais ser queimada e consegue desviar da bola!

**Narrativa 9 (menina, 12 anos)**

Estávamos na aula de Educação Física. Pedro não gosta muito de jogar futebol e gosta mais de ficar junto com as meninas. Em uma aula a gente foi jogar queimada e Pedro jogou a bola para as meninas. Então os meninos começaram a ofendê-lo, dizendo que ele era ruim e que era um “veado”. Diziam que ele era “preto”, “veado”, “macaco” e um monte de coisas... Ele ficou magoado e ficou sentado sozinho. Teve algumas meninas que tentaram conversar com ele, mas ele não falou, porque estava magoado. Depois ele contou para nós porquê estava magoado e nós, as meninas, conversamos com alguns meninos que ofendiam ele. Aí depois de algum tempo, a maioria dos meninos pararam de ofendê-lo.

**Narrativa 10 (menina, 15 anos)**

Pra falar a verdade, a gente não brincava de vôlei antes, era só queima e algumas brincadeiras. Mas desde a 5ª série, quando a gente foi para outra escola, a gente começou a aprender esportes novos, e com eles veio o vôlei. Eu sou péssima em esportes, não sei se é porque eu tenho forma de bola, e bola não dá muito certo comigo assim... Desde sempre, até um tempo atrás, no vôlei, eu um pouquinho boazinha assim... Eles até não me escolhiam por último para jogar, mas hoje eles nem me chamam mais. Só que como eu sou chata, eu entro para atrapalhar. Não quer brincar comigo certo, então brinca errado! Eu gosto de jogar! Durante o jogo os meninos me chamam de burra, de tonta. Eu já falei, eu entro para atrapalhar, porque o importante para mim é participar.

**Narrativa 11 (menina, 15 anos)**

Eu estava na 1ª série, foi logo na primeira semana de aula. Eu tinha acabado de entrar na escola e estava naquele processo de adaptação. Aí, eu e as meninas, como a gente não tinha amizade com os outros alunos ainda, a gente sempre brincava entre a gente e só brincávamos de corrida. E eu não sei porquê tinha um menino que ele me odiava, e ele me odeia ainda. Eu nunca falei com ele na minha vida, mas ele me odiava. Quando eu estava correndo ele simplesmente passou pé na minha frente, e eu caí e me machuquei, machuquei o braço. Ele disse: Bem feito sua gorda! E veio todo mundo para me ajudar, a tia, que era a professora na época, também veio e me ajudou. Mas, até hoje, eu não sei por que ele fez isso, eu nunca fiz nada pra ele.

**Narrativa 12 (menina, 15 anos)**

Eu acho que dessa vez eu estava na 2ª ou 3ª série e, tipo assim, a gente já tinha mais amizade, só que, como sempre, tem aquela coisa: você não é da minha turma, então você não pode brincar comigo. Só que nesse dia tinham vários meninos brincando juntos com a turma da sala deles. Era na hora do intervalo. Tinham várias pessoas brincando e tal, aí eu peguei e falei: Ah, eu quero brincar! Eu me lembro, era uma brincadeira que todos davam a mão, se juntavam e todos caíam para trás, na época era muito engraçado. Quando eu entrei pra brincar, uma menina olhou para minha cara e disse assim: Eu não quero você aqui! Ela olhou pra todos e disse: Vamos brincar em outro lugar! Eu não quero ela! E todo mundo saiu e me deixou lá sozinha. Simplesmente viraram as costas e saíram...

**Narrativa 13 (menina, 15 anos)**

Eu sempre estudei com a mesma turma, com os mesmos alunos. Tem uma menina, que era a mais gordinha da turma. Toda aula de Educação Física ela falava para a professora que estava menstruada para não participar das aulas, mas não era por isso, é porque quando tinha queima, e ela gostava de jogar queima, só queima que ela jogava. Aí quando tinha queima, as pessoas sempre deixavam para escolher ela por último, só que ela era boa, mas tinham um certo preconceito por ela ser gordinha. Sempre foi assim, desde a 5ª série.

**Narrativa 14 (menina, 17 anos)**

Um dia, eu estava trabalhando na escola da família, e estava tendo um campeonato de futebol. Eu vi um menino lá sentado, aí ninguém queria escolher ele para jogar, e ele ficou triste. Depois faltou uma pessoa em um dos times e ele teve que jogar, só que eu vi que estavam excluindo ele, porque ninguém jogava a bola para ele, sabe? Ele corria atrás da bola e a torcida começou a ofender ele, falavam que ele era perna de pau e que não sabia jogar, que era para ele sair, porque estava atrapalhando e tal. Os outros jogadores “zuavam” ele, porque quando passavam a bola ele não conseguia acertar a bola. Aí mesmo assim ele continuou jogando e não ligou para o que os outros falavam. Aí em outro dia que teve jogo também, ele foi, mas não jogou e ficou sentadinho lá no canto. Depois eu perguntei para ele por que ele não estava jogando e ele falou que era porque as crianças ficavam “zuando” ele, né, rindo da cara dele, porque ele não conseguia pegar a bola. Aí depois ele não foi mais na escola. Depois de um tempo ele voltou, às vezes ele joga bola, mas às vezes não. Ele ainda fica um pouco envergonhado e com medo de errar de novo.

**Narrativa 15 (menina, 17 anos)**

Os meninos nunca deixam as meninas jogarem futebol. Então, na terça-feira, como os meninos comandam a bola, né, a gente entrou na quadra, um monte de menina. A gente ficou lá, no meio da quadra. Cada menina começou a marcar um menino. Alguns começaram a jogar a bola forte nas meninas. Até que, um pouco no final da aula de Educação Física, a gente conseguiu pegar a bola deles e conseguimos jogar. A gente sempre pede para jogar, toda aula, mas os meninos nunca deixam! O futebol é sempre para os meninos... Eles pegam a bola e pronto.

Todas essas narrativas podem gerar inúmeras reflexões sobre a diferença de gêneros, meninas no futebol, a diferença de habilidades e sobre as diferenças corporais. O professor pode planejar atividades, rodas de conversas, para que os alunos possam refletir a respeito dos preconceitos presentes nas narrativas, dos sentimentos das personagens envolvidas e sobre suas atitudes frente a situações como essas. Eu reconheço os preconceitos e exclusões reveladas nas narrativas? Eu já vivi ou já presenciei situações semelhantes a essas? Como eu agi ou agiria nessas situações? O

processo de ler e refletir sobre a experiência do outro também pode possibilitar ensino e aprendizagens.

### Atividade 5

Sugerimos uma atividade em que os alunos possam utilizar as narrativas construídas na atividade 4, reconstruindo as histórias em formatos de histórias em quadrinhos. Mas antes da construção das histórias em quadrinhos, é adequado esclarecer o tema aos alunos.

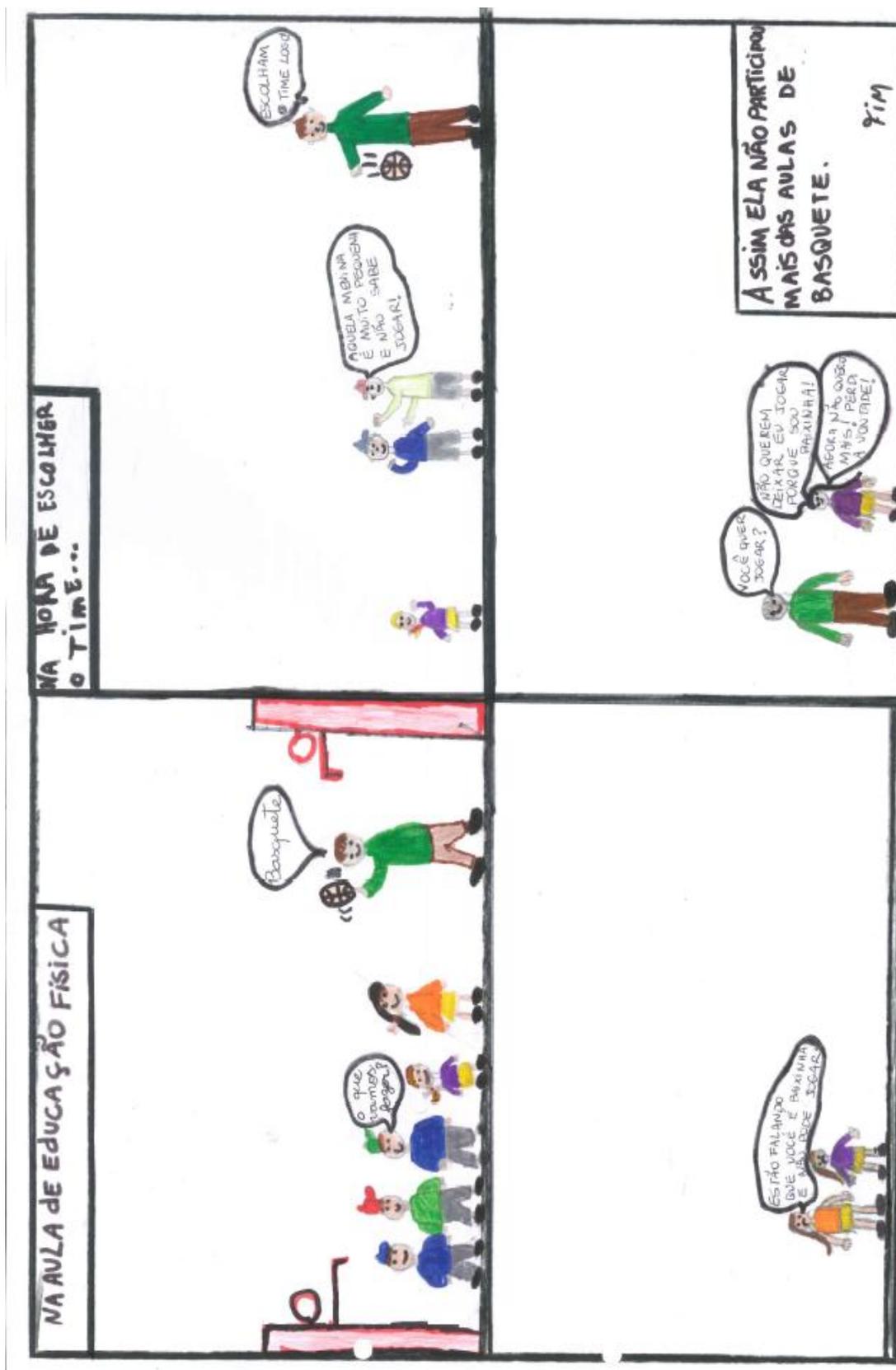
Nesta atividade 5, propomos uma pesquisa sobre histórias em quadrinhos. Esta atividade também pode ser sugerida como trabalho de casa, podendo ser feita na internet com investigações por parte dos alunos:

-  O que são as histórias em quadrinhos?
-  Onde surgiram?
-  Qual a diferença entre quadrinhos e tirinhas?
-  Quais os significados dos balões nas histórias em quadrinhos?
-  Quais os escritores famosos de quadrinhos?
-  Quais os personagens mais conhecidos?

Outra atividade de pesquisa poderia ser a leitura e análise de revistas em quadrinhos.

**Atividade 6**

Figura 7: História em quadrinho produzida pelo grupo (crianças de 6 a 12 anos) do Projeto Social investigado.



Fonte: arquivos pessoais da autora

Nesta história em quadrinhos podemos refletir sobre algumas questões:

**Por que a garota foi excluída da aula de basquete?**

**O que você acha da atitude dos colegas com a garota?**

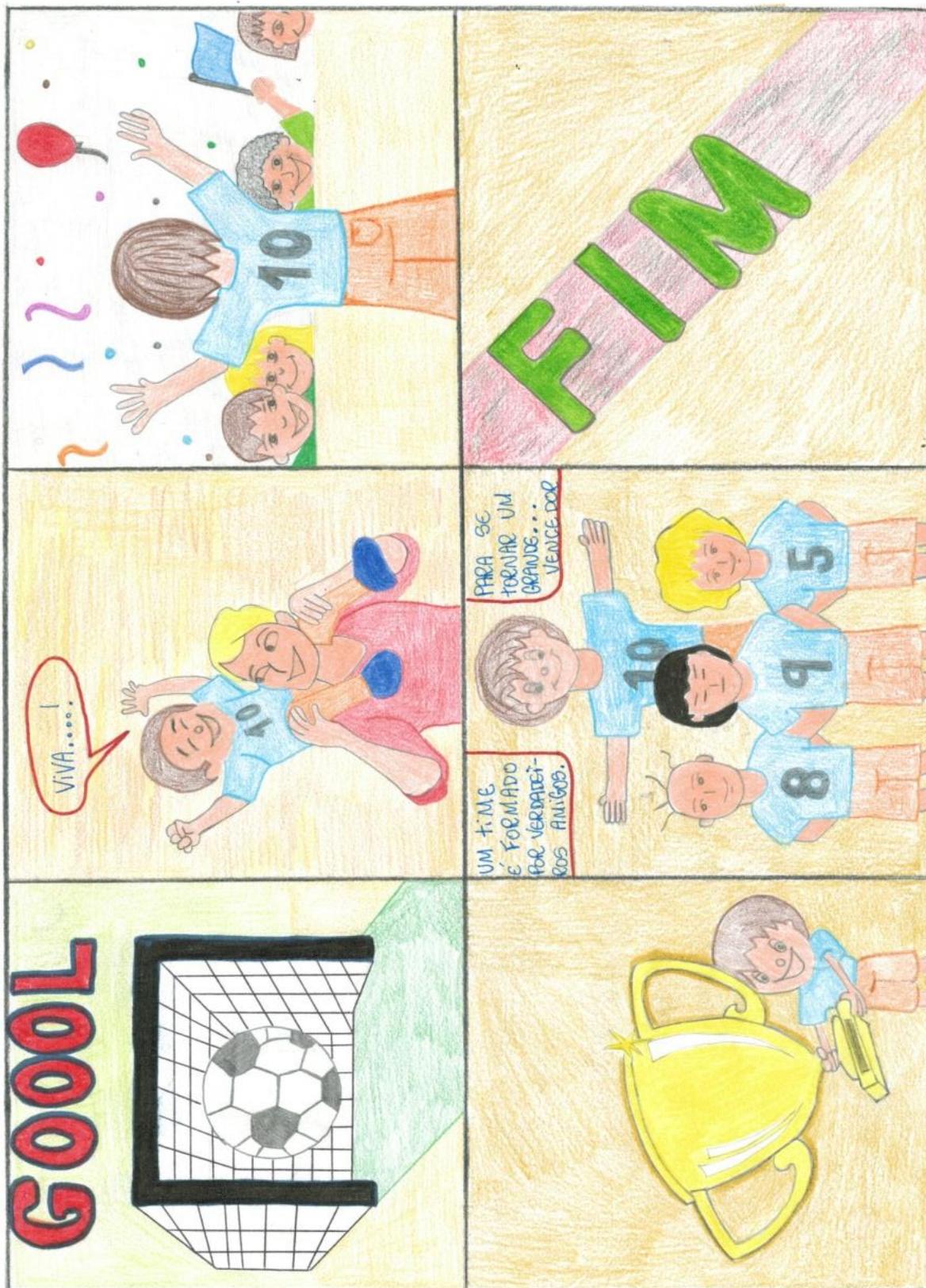
**Por que você acha que a garota não quis mais participar do jogo?**

Figura 8: História em quadrinhos produzida pelo grupo y (adolescentes de 13 a 17 anos) do Projeto Social investigado.



Fonte: arquivos pessoais da autora

Figura 3: Continuação da história em quadrinhos produzida pelo grupo y (adolescentes de 13 a 17 anos) do Projeto Social investigado



Outras reflexões podem ser iniciadas com esta nova história:

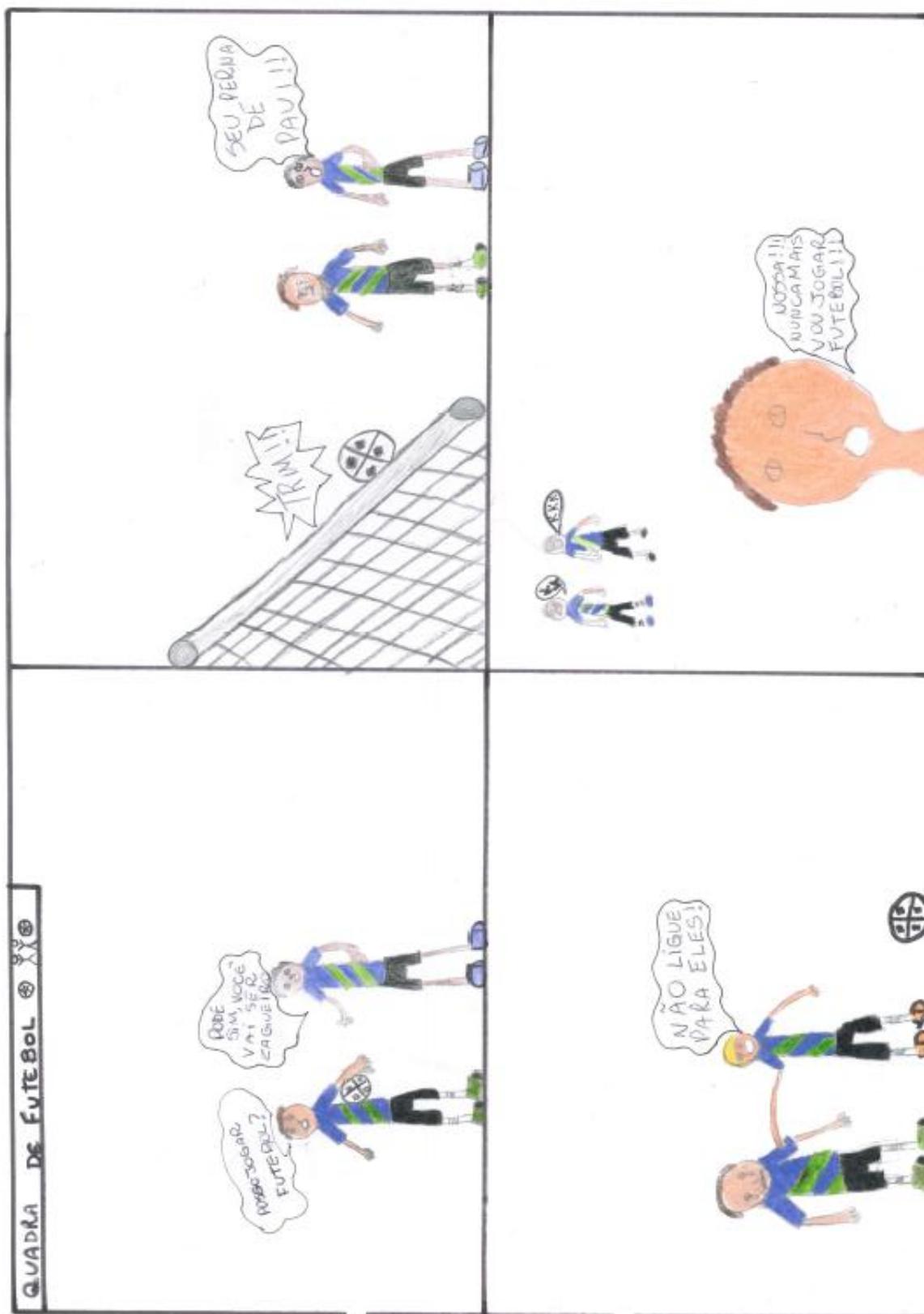
**Por que você acha que ninguém chamava o garoto para jogar?**

**O que você acha da atitude dos colegas ao excluírem o garoto do jogo?**

**O que você acha da atitude do colega que incentivou o garoto a continuar?**

**Como o garoto conseguiu superar a exclusão sofrida?**

Figura 4: História em quadrinhos produzida pelo grupo x (crianças de 6 a 12 anos) do Projeto Social investigado.



Vamos refletir:

**Por que o menino nunca mais quis jogar futebol?**

**O que você acha da atitude dos colegas do menino?**

**Você já teve atitudes como essas em algum jogo?**



Nesta história podemos refletir:

**Por que você acha que a garota era excluída nos treinos de futebol?**

**Qual foi a atitude da menina depois do treino de futebol?**

**Meninas podem jogar futebol?**

**E o professor? Como você acha que o professor deveria agir em situações como esta da história?**

Figura 8: História em quadrinhos produzida pelo grupo Y (adolescentes de 13 a 17 anos) do Projeto Social investigado.



Fonte: Arquivos pessoais da autora

Nesta breve história podemos pensar em coisas importantes:

**Por que não deixaram a menina brincar?**

**Você acha que ser gordinha é um motivo para excluir alguém de uma brincadeira?**

**Como você acha que a garota se sentiu?**

### Atividade 7

Nesta atividade, os alunos vão construir suas próprias histórias em quadrinhos. Para a construção os alunos irão utilizar as suas narrativas da atividade 4. Essa atividade pode ser realizada em grupos, valorizando o que cada criança tem mais facilidade para realizar, uns podem desenhar, outros escrever, pintar...

Para a criação das histórias em quadrinhos, sugerimos a criação de um roteiro para auxiliar os alunos.

- ✚ Pensar nas características das personagens da narrativa.
- ✚ Pensar no cenário que a história acontece.
- ✚ Fazer um esboço de distribuição dos quadros.
- ✚ Pensar para qual público a história vai se dirigir.
- ✚ Evitar usar muito texto para não encobrir as imagens.
- ✚ Procurar instigar a curiosidade do leitor para o fim da história.

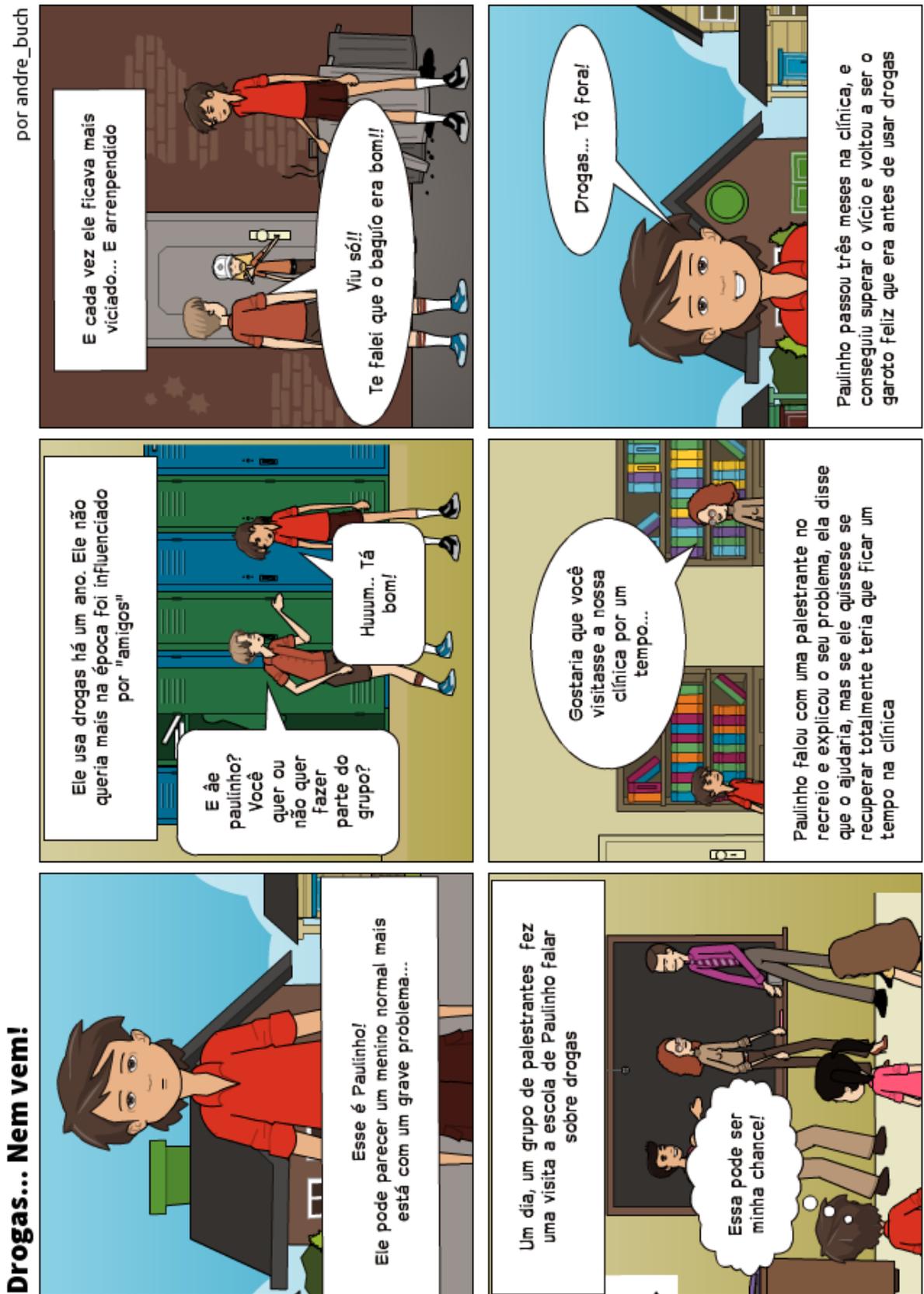
Além da produção manual e com materiais escolares, a produção dessas e de outras histórias em quadrinhos podem ser feitas em formato digital. As histórias em quadrinhos também ganharam espaço na internet, e esse recurso pode auxiliar aqueles

alunos que apresentam dificuldades em desenhar, por exemplo. Um programa chamado PIXTON, é uma versão em português, no qual podem ser adicionados personagens em 3D, cenários e objetos, que pode ser utilizado para a criação das histórias em quadrinhos.

Este programa está disponível em: <https://www.pixton.com/br/>. Para criar os quadrinhos é preciso entrar na opção “PIXTON por diversão” e realizar um cadastro com dados pessoais para ter acesso ao programa, após a realização do login, é só seguir o passo a passo para criar suas histórias em quadrinhos.

A seguir, para ilustrar e esclarecer, um exemplo de uma história em quadrinhos produzida no PIXTON. Esta história em quadrinhos foi retirada da internet.

Figura 9: Exemplo de História em quadrinhos no PIXTON



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como especificado anteriormente, esse material didático foi produzido baseado na pesquisa de mestrado “PROCESSOS DE EXCLUSÃO E PRECONCEITO NAS PRÁTICAS CORPORAIS SOB A PERSPECTIVA DISCENTE” (FABRI, 2016). Esta pesquisa possibilitou ensino e aprendizagens sobre as narrativas, sobre as histórias em quadrinhos, sobre as experiências e, sobretudo, sobre o preconceito e a exclusão nas práticas corporais para os alunos do projeto social participantes do estudo. Para este projeto social, a questão do preconceito e exclusão eram dificuldades presentes no dia a dia das aulas neste espaço.

Sabemos que cada espaço, instituição, escola ou projeto social possui o seu contexto e sua especificidade, e isso deve ser levado em consideração quando planejamos desenvolver algum conteúdo e tema.

As atividades que apresentamos são sugestões e servem como um estímulo e inspiração para os professores que tenham interesse em utilizar as narrativas e as histórias em quadrinhos em suas aulas sob a perspectiva do preconceito e da exclusão.

Esperamos que os conteúdos deste material possam despertar o interesse dos professores em investigar as situações de preconceito e de exclusão que ocorrem nas práticas corporais e agir frente a estas situações. É oportuno e necessário ações educativas para acabar ou ao menos minimizar as marcas e as consequências de atitudes preconceituosas e excludentes presentes nos espaços educacionais.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, C. S. Ler ou não ler, eis a questão: o uso das histórias em quadrinhos na Educação Brasileira. ANPUH – **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009.
- AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 11-30, 1998.
- ANSELMO, A. Z. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BRACHT, V. Educação física e aprendizagem social. Porto Alegre, 1997.
- BRACHT, V. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. (COLEÇÃO Educação Física).
- BRANDÃO, C.; CORBUCCI, P. R. A discriminação nas aulas de Educação Física sob o enfoque bioético: um estudo de caso no Distrito Federal. **Rev. Bras. Ciênc. e Mov.**, Brasília, v. 10, n.4, p. 51-56, out., 2002.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997. Acesso em: 23 ago. 2016.
- BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, abr./jun., v. 27, n. 2, p.235-46, 2013.
- CARLAN, P. KUNZ, E. FENSTERSEIFER, P. E. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 55-75, out/dez de 2012.
- CASCO, P. Mais e melhores práticas para a inclusão de meninas na Educação Física escolar. In: KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. (Org.). **Meninos e meninas na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- FABRI, E. I. NARRATIVAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO E A EXCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS. **Dissertação de mestrado** (2017). Programa Docência para a educação básica. Orientadora: Lilian Aparecida Ferreira. 125 f.
- GONZALEZ, F. J. BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes**, Vitória, 2012.
- LARRAROTTI FILHO, A. .; SILVA, A. P. S.; ANTUNES, P. C.; SILVA, A. P. S.; LEITE, J. O. O termo práticas corporais na literatura científico brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar., 2010.
- LARRAROTTI FILHO, A. L.; SILVA, A. P. S.; ANTUNES, P. C.; SILVA, A. P. S.; LEITE, J. O. O termo práticas corporais na literatura científico brasileira e sua

repercussão no campo da educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar., 2010.

LARROSA-BONDÍA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez., 2011.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA-BONDÍA, J. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução por Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MIRANDA, L. H. *et al.* Educação Física Escolar: principais formas de preconceito. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 12, n. 117, 2008.

MIRANDA, L. H. *et al.* Educação Física Escolar: principais formas de preconceito. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 12, n. 117, 2008.

RANGEL, I. C. A. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 73-76, jan./abr., 2006.

REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em Educação. **Nuances**: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, ano XIV, n. 16, p. 17-34, jan./dez., 2008.

SANTOS, R. E. VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS - Rev. Cient.**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr., 2012.

SILVA, H. BOLEMA, L. A. S. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Rio Claro**, São Paulo, ano 20, n. 28, p. 139-162, 2007.

SILVA, R. C. O.; JANOARIO, R. S.; CANEN, A. Formação multicultural de professores de educação física: produções do novo milênio. **Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos**, UFRJ, v. 3, n. 2, jul./ dez., 2007.

SOUZA, E. S.; ALTMAANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 52-68, ago., 1999.

SPINDOLA, T. SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora)? **Rev. Esc. USP**, v. 2, n. 37, p. 119-126, 2003.

STIGGER, M. P. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas/SP: Autores associados, 2009.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Revista Movimento**- ano III- n° 5, 1996.

VAZ, A. F. In: STIGGER, M. P. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas/SP: Autores associados, 2009.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.